

COMPLEXIDADE DO DESENVOLVIMENTO AUTO-SUSTENTÁVEL NO SEMI-ÁRIDO ECOLÓGICO: ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E ORGANIZACIONAIS E A CONTRIBUIÇÃO DA ECO-ECONOMIA SOLIDÁRIA COM GESTÃO PARTICIPATIVA.

Introdução

A implantação atual de políticas de desenvolvimento e de produção na agricultura em qualquer país desenvolvido ou subdesenvolvido, sobretudo nas áreas semi-áridas, trás sempre erros inerentes à sua própria e grande complexidade sócio-ambiental, cultural e organizacional.

Infelizmente os tipos de produção, introduzidos e difundidos ao acaso e na dependência do povoamento espontâneo e da colonização, foram sempre impostos para satisfazer as necessidades de auto-subsistência, de importação e, em nossos dias, para suprir a necessidade de consumo do meio ambiente e dos centros urbanos interioranos.

O Governo e o setor empresarial continuam tateando, usando antigas soluções para velhos e tradicionais problemas que são gargalos ao desenvolvimento sócio-organizacional e ambiental do eco-sistema rural. Infelizmente repete-se ainda esta falha, nesta primeira década do início do século XXI, e não foi feito um levantamento sério sobre os gargalos técnico-científicos que impedem a descoberta definitiva da solução.

As Universidades têm demonstrado interesse na pesquisa e no estudo do semi-árido, mas faltam recursos materiais e financeiros pra continuar com seu intento de descobrir uma solução definitiva para o problema do seu *desenvolvimento auto-sustentável* (LEITE, 1988).

Nota-se uma grande carência de análise do que foi feito até agora por estes órgãos públicos e pelo setor privado visando a aplicação deste complexo processo de desenvolvimento.

Tenta-se, neste artigo, dar uma contribuição, com base em experiências técnicas, vividas, e com teorias científicas sérias, à possível solução deste sério e angustiante problema e ao não menos sério problema do planejamento do desenvolvimento rural, integrado e auto-sustentável do semi-árido ecológico. Seu objetivo geral é mostrar a complexidade da estrutura global da agricultura executada olvidando os aspectos sócio-ambiental, cultural e organizacional que envolve o desenvolvimento integrado e auto-sustentável do semi-árido, e tentar analisar a importância e a necessidade da implantação de tipos de *empresas solidárias com gestão participativa*, dentro de padrões e valores culturais autóctones e apropriados ao desenvolvimento integrado e auto-sustentável do semi-árido. Sugere-se a elaboração de um projeto de esboço simples para uma experiência local de desenvolvimento integrado do sócio-organizacional e ambiental com base na eco-economia solidária com participação gestonária no semi-árido regional do nordeste brasileiro.

Buscou-se numa pesquisa qualitativa de tipos bibliográfica, descritiva e ao mesmo tempo exploratória, baseadas nos métodos da observação e da análise de conteúdo, com uso das técnicas da leitura sistemática, específica e na consulta á *internet*, assim como na vivência profissional do autor, coletar os dados e informações para sua fundamentação teórico-prática.(LEITE, 2005).

Espera-se colher resultado positivo e convencer os participantes do encontro internacional sobre a eco-economia no semi-árido e interessados no tema, da necessidade de verificar à luz da ciência, da experiência e da consciência ético-profissional, o que foi feito até o presente momento pelo desenvolvimento sócio-ambiental, cultural-organizacional e o muito que poderá ser feito para torná-lo um processo integrado e auto-sustentável no semi-árido, com base na eco-economia solidária e participativa.(LEITE,2000, introdução).

Desenvolveu-se no artigo, os itens relacionados ao fundamento teórico, alguns aspectos sócio-ambientais, culturais e organizacionais da estrutura fundiária do semi-árido descrevendo-se algumas experiências vividas pelo autor e mostrando a importância da empresa de eco-economia solidária com gestão participativa, mais adaptável e mais conveniente à complexidade sócio-ambiental rural e aos objetivos do desenvolvimento integrado e auto-sustentável do semi-árido.

1. Fundamento teórico: complexidade da produção agrícola no semi-árido.

Inúmeros são os obstáculos encontrados pelos órgãos governamentais e as raras iniciativas privadas, para atuação positiva na execução de políticas de planejamento e de desenvolvimento integrados do semi-árido. Maior dificuldade encontra-se para este trabalho, através da economia solidária, por ser concepção nova e interdisciplinar na área das ciências sociais plicadas e por falta de capital humano e intelectual para compreendê-la e aplicá-la de um modo geral e especificamente, no eco-sistema sócio-ambiental, cultural-organizacional do semi-árido.

As políticas de produção agrícola são improvisadas e as produções agro-pecuárias no semi-árido são, em geral, caracterizadas pela natureza do produto e pela localização, mas também pelo modo de obtenção (métodos e técnicas) e pelo calendário (cronograma) a que estão ligadas e combinadas na empresa rural e agro-industrial logo, fundamentada na economia de mercado sem preocupação com a cultura organizacional do meio sócio-ambiental do semi-árido (GIESSMAN, 2000).

Entre as inúmeras dificuldades encontradas na atividade de produção agro-pecuária, há a falta de escolha ou a má escolha de produção apropriada ao local – ao meio ambiente rural-, e a falta de conhecimento das causas e efeitos do escolhido como produção.

Na agricultura, infelizmente, não se sabe muito bem o que é causa e o que é efeito; tudo é variável e relativo, dependente e ligada por ações e reações entre tradicional, empírico e a inovação técnico-científica. Não se sabe bem o que deve ser produzido para o consumo domestico e o que deve reservado para exportação...

Ensina-nos o Prof. Marc Penouil em *Economia do Desenvolvimento* que:

As teorias de localização propostas são muito simplistas: Van Thunen, Dun, (1996) seguindo Richard (1994), fazem variar o fator renda da terra e acrescenta o custo do transporte. Klatzmann (1995) não define bem outros fatores e deixa sua teoria apenas em esboço. (BEZY, 1997).

E PENOUIL acrescenta:

Os especialistas, economistas rurais e agrônomos estão mais preocupados com a produção e sua quantidade isto é, com a cultura organizacional material e esquecem o sócio-ambiental e o bem estar do capital humano. Têm pouca visão do desenvolvimento rural integrado. (PENOUIL, 1999).

1.1 A Política Agrícola e os Critério de Escolha dos Sub-sistemas Ecológicos

Deve-se salientar que na produção agrícola do semi-árido procura-se, por um frio cálculo econômico, maior eficiência nos meios de produção, onerosos, disponíveis (capital, recursos humanos, materiais de expediente e de consumo), e não se guarda senão as produções de alto potencial que se concentram na exploração das subáreas mais favoráveis.

No presente momento histórico em que se prioriza a exportação, as regiões semi-áridas como o nordeste brasileiro, para se desenvolver e alcançar o “demarrage” ou “take of” do processo do desenvolvimento sustentável (PERROUX, 1990), os gestores organizacionais têm que levar também em consideração não só o meio-sócio-ambiental e a cultura organizacional, mas também e sobretudo, o uso da terra, sua produtividade, a integração, a necessidade de exportação de seus produtos e o fator tempo.

1.1.1 O Uso da Terra.

O ponto de vista regionalista ou local deve-se considerar, antes de tudo, as tendências e as vocações dos terrenos, escolhas ou seleções necessárias e a disponibilidade de recursos indispensáveis à produção vocacionada, seu escoamento e o que deve ser armazenado para o

consumo autóctone. A vocação de uma região é uma noção muito relativa: ela não tem sentido se não com relação ao conjunto das necessidades a satisfazer de um lado, e, de outro com relação ao conjunto do território nacional de que é parte não autônoma. Nas regiões desfavorecidas como as do semi-árido, o meio ambiente, o ecológico impõe um numero muito restrito de produções, e a política agrícola de seu desenvolvimento deve ser repensado, bem planejada...

1.1. 2 Produtividade.

A produtividade agrícola deve ser relacionada a: a) fatores raros, fixos e onerosos, na óptica do crescimento eco-econômico: água e superfície cultiváveis; b) técnicos: instrumentos e recursos técnicos e materiais de expediente e de consumo existentes, governamentais e não governamentais, da própria área do semi-árido; c) capitais: sobretudo para equipamentos e maquinários, substituídos economicamente e animais de carga e de produção com efeito multiplicador, e outros, eventuais ou não, necessários ao aprovisionamento: adubos, pastos para os rebanhos bovino, caprino, ovino... e d) população agrícola ativa desejada na óptica do plano de desenvolvimento humano e seus recursos: pessoas, proprietários e trabalhadores rurais. Daí Procurar-se a melhor utilização do conjunto destes fatores, assumindo-se sua conservação, seu pleno emprego e consequentemente a produtividade, elemento chave na produção agrícola, sob pena de fracasso e de críticas.

1.1. 3 Integração:

A escolha dos sistemas de produção nas áreas semi-áridas deve dar prioridade não só ao meio ambiente, à ecologia natural, mas ao sócio-ambiental, isto é, a promoção dos agricultores no seio da comunidade rural onde a coesão e a união serão mantidas e a atividade favorecida pelas novas condições integradas da ação econômica, a vida sócio-cultural e ao ambiental; o desenvolvimento das atividades ligadas à agricultura e à política agrícola com a interação econômica; o valor e a relação entre as áreas e as sub-áreas, segundo um plano de melhoramento e ordenamento do conjunto da Região, Estado ou país, promovendo a integração territorial e a mudança social e do progresso através da integração.

Logo, o desenvolvimento sustentável do semi-árido exige e provoca, numa simbiose de causa e efeitos de integração: a) Integração social; b) Integração Técnica; c) Integração Econômica e d) integração sócio ambiental e, e) integração cultural-organizacional.(MOREIRA, 1999).

2. Metodologia da pesquisa

Para alcançar o objetivo deste trabalho que é o de mostrar esta realidade da complexidade do desenvolvimento integrado auto-sustentável do semi-árido, fundamentado em estudos e experiências nacionais e internacionais, optou-se pela metodologia com base na pesquisa bibliográfica, qualitativo-positiva; pelos métodos observacional, descritivo e analítico de conteúdo, as técnicas de coleta de dados em leitura sistemática, específica e a consulta à *internet*. Demonstra-se no resultado a perspectiva imperiosa de adoção de um experimento piloto da organização sócio-ambiental do semi-árido, com uma eco-economia solidária em empresas, (agro-negócios) de gestão com base na participação gestonária, sócio-organizacional, sobretudo nas micro e médias empresas adaptadas ao meio

A pesquisa bibliográfica é fundamental e essencial no campo acadêmico, pois além de servir de alicerce para as outros tipos de pesquisa, pode ser utilizada no campo teórico, na coleta de dados e informações secundárias com base na sua técnica mais importante que é a leitura sistemática e específica. Os outros dois tipos, descritiva e exploratória, complementam o tipo bibliográfico que são a descritiva e sua subdivisão a pesquisa exploratória. Esta é indispensável para a servir de fundamento para a execução de outras pesquisas subsequentes para papara mostrar que o tema é não muito conhecido: empresa e eco-economia solidárias e gestão participativa nomeio rural,-

(LEITE, 2005).

Para o método de análise de conteúdo, ensina-nos Bardin (1979), a análise de conteúdo pode ser definida como

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (1979, p. 42).

Essa definição de Bardin caracteriza a análise de conteúdo com algumas peculiaridades essenciais. Uma delas é o de ser um meio para estudar as comunicações entre os homens, impondo ênfase no conteúdo das mensagens. Esta pesquisa tem questões e variáveis, ligadas à cultura organizacional e ao meio sócio-ambiental, que necessitam de muita comunicação interpessoal e inter-grupal, na comunidade rural.

3 A Eco-economia e empresas solidárias.

A economia solidária baseia-se na junção de forças produtivas visando a produção de determinados bens ou serviços mediante a implementação de repartição de um trabalho solidário no processo produtivo e repartição de receitas na hora da venda.

Essa junção de forças produtivas numa unidade ou organização de produção de bens e serviços é também chamado de “empresa solidária.” por Para Adolfo Noronha, Ari B. Tavares, Alfredo Luiz K e Diogo T. Motta (NORONHA et al. 1996)

O associativismo da empresa solidária une através dos processos de motivação, socialização, cooperação e participação pelos quais homens livres aglutinam suas forças de produção, seu empreendedorismo, sua capacidade de consumo e suas poupanças, a fim de desenvolverem-se econômica e socialmente, elevando seu padrão de vida, ao mesmo tempo beneficiando a sociedade em geral, pelo aumento e barateamento da produção, do consumo e do crédito.

Para Paul Singer a economia solidária consiste na produção de bens e serviços e sua devida comercialização, mediante a solidariedade entre produtores autônomos de todos os tamanhos e tipos...”assegurando-se a cada um, além do mercado, financiamento, orientação técnica, legal e contábil.(SINGER,2005)

3. A gestão participativa.

Nos séculos XVI a XVIII, havia uma preocupação científica com o tipo de empresa. Em nossos dias, os autores do eco-economia defendia que tudo só depende, quase que exclusivamente, do tipo de gestão e de decisão... Com o avançar histórico, ampliou-se este horizonte e surgiu, segundo Ricardo Luz (2005) a importância de estudar-se com profundidade, na teoria e na prática, o que seria mais adequada às empresas para alcançarem a sua missão e os seus objetivos organizacionais. Aprofundou-se o planejamento estratégico e o marketing como instrumentos otimizantes para a empresa alcançar a excelência no mercado. Estudou-se a reengenharia, a qualidade total, a excelência gestonária... Muitas Teorias foram pesquisadas, apresentadas e levadas para a aplicabilidade no mundo econômico-financeiro empresarial. O elemento chave das empresa é o homem, logo os recursos humanos.(RH). A organização empresarial sobretudo no geo-ambiente do semi-árido tem de partir do cérebro, do sentimento, da criatividade, da organização, da motivação e da participação do homem para tornar mais precisa, racional e produtiva as decisões individuais e coletivas... As empresas devem ser geridas com participação geral dos dirigentes e funcionários nas suas decisões coletivas.

Em estudos e pesquisas recentes a pesquisadora da interdisciplinaridade em ciências sociais aplicadas, Ana Rita Nogueira, em trabalho sobre o tema, chegou à conclusão que a gestão

participativa é a que mais se adapta às empresas do terceiro setor, às micro empresas sobretudo às organizações do meio rural. (NOGEUIRA, 2006).

4 Experiências internacionais.

Entre as experiências nacionais e internacionais, vividas pela autora no campo do desenvolvimento rural integrado e auto-sustentável, destacam-se as três seguintes:

a) Em Mille Vaches na Bretanha/ França: através de um projeto piloto e depois generalizado, de recuperação de uma região semi-árida, com uso de um planejamento racional, estratégico e participativo e da aplicação de uma política agrícola de renovação da eco-economia ambiental, conseguiu-se grande sucesso. A escassez da água e de energia foi vencida pela construção de uma maré-motriz e a dessalinização do água do mar...

b) Kibutz Efrain de Israel: entre os vários Kibutzes, o de Efrain foi selecionado para uma experiência piloto: alcance do processo de desenvolvimento integrado e auto-sustentável, levando-se em consideração o alto grau de avanço na mudança de mentalidade e de visão cultural dos seus moradores. Com uma metodologia estratégica, o planejamento consciente, participativo e o estudo sócio-ambiental e organizacional, chegou-se a resultados excelentes... Ferramentas importantes: educação e cultura organizacional.

c) Ciudad de los Trabajadores (Venezuela): lugarejo rural e semi-árido, população humilde de trabalhadores do campo. Necessidade maior de revisão, mudança da cultura agrícola, e assistência à saúde primitiva, e combate à carência de profissionais. A atuação foi maior através de agentes da saúde, e uma equipe volante, interdisciplinar, atuando, em rodízio pelos aglomerados populacionais existentes e no lugarejo para dar assistência técnico-educacional e mudar a mentalidade, em duas atividades: agrícola e saúde...(LEITE,1996).

Conclusão

Pelo exposto ver-se o quanto é complexo um planejamento para o desenvolvimento integrado e auto-sustentável do semi-árido, que envolve decisões contraditórias entre as os objetivos nacionais, regionais, locais e as decisões técnicas, econômicas, agro-pecuárias, agro-industriais e até mesmo sócio-culturais, ambientais e organizacionais.

A complexidade do processo de desenvolvimento do semi-árido foi demonstrada em todo o decorrer do artigo. Exige pesquisas, estudos e políticas que devem ser realizadas com métodos e técnicas interdisciplinares e uma vontade política forte e sólida de resolver os impasses, carentes de recursos financeiros, que se tornam os maiores obstáculos ao planejamento do desenvolvimento do semi-árido, sobretudo numa visão integrada e sustentável, - “integré” para os franceses e “sustainable”, para os americanos.(MOREIRA, 1999).

A busca da produtividade e da integração econômica e territorial induz à relativa especialização dos sistemas e ecossistemas das zonas de produção, e conseqüentemente, à heterogeneidade das economias das subsidiárias, geradoras de trocas. Conclui-se pela necessidade de implantação de experiência-piloto de desenvolvimento integrado, interdisciplinar e auto-sustentável do semi-árido baseado em dois pontos: a) Pesquisa e estudo do que foi feito até agora em desenvolvimento integrado do semi-árido;

b) implantação de um modelo com fundamento na visão interdisciplinar: sócio-cultural, ambiental e organizacional: eco-economia solidária e participativa.

Referências bibliográficas.

AGYRIS, C. **Personality and organization**. N. York: Harper & Row. 1997

ANDRADE, Manoel Correia de. A Seca: **Realidade e Mito**. Recife:ASA, Coleção Nordeste em Evidência, 1985.

_____. **A Terra e o Homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____ **As Condições Naturais do Nordeste.** Boletim Geográfico, nº 26: Jan / Fev, 1967.

ANDION, Carolina. **La gestion des organisations de l'économie solidaire:** deux études de cas à Montreal. Montreal: HE, 1998.

ARAÚJO, Fernando C. de e SCHUH, Edward. **Desenvolvimento da Agricultura:** análise de política econômica. São Paulo: Pioneira, 1994

AUSTRUY, Jean Jaques: **Le Scandale du Developpement.** Paris :. Marcel Rivière et Cie, 1989.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BECKER, Richard. **Desenvolvimento organizacional:** estratégias e modelos São Paulo: Macgraw-Hill, 1994.

BEZY, R. **La production et les activités agricoles.** Louvain: UCL, 1998.

CALDERWOOD, James e BIENVENU, Harold J. **Padrões de desenvolvimento econômico.** Brasil/Portugal: Fundo de Cultura, 1989.

CAVALCANTE, Enoque Gomes. **Sustentabilidade do desenvolvimento.** Recife: UEPE, 1998.

DAVIS, Keith e NEWTON, John. **Comportamento humano no trabalho:** uma abordagem organizacional. São Paulo: Livraria pioneira editora, 1996.

GEISSMAN, Stephen R. GUSTAVO, **Agroecologia:** processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto alegre: UFRGS. 2000. Tradução de Maria José Guazelli.

GANDIM, Danilo. **A Prática do planejamento participativo.** Petrópolis: Vozes, 2001.

KIER, Jane Aubert. **Os homens e as relações humanas.** Lisboa: Presença, 1996.

LAGO, Antônio e PÁDUA, José Augusto: **O que é ecologia.** São Paulo: Ed. Brasiliense: Primeiros Passos, nº 116.

LEITE, Francisco Tarciso: - **Organização da produção no meio rural nordestino.** Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1988.

_____ A empresa solidária na economia social de mercado: Economia de comunhão, in **Opções para um Brasil viável:** Economia social de mercado, decisão racional e democracia social. Fortaleza: UNIFOR, 1996.

_____ **Por uma teoria da gestão participativa:** novo paradigma de administração para o século XXI. Fortaleza. Ed. UNIFOR, 2002.

_____ Metodologia Científica. Fortaleza: UNIFOR, 2005

_____ e NOGUEIRA, Ana Rita Rogério Maia. Por um tipo gestor do terceiro setor: gestão participativa in **Dissertação de Mestrado.** Fortaleza: UNIFOR, 2007.

LIKERT, Rensis. **Organização Humana.** São Paulo: Atlas, 1975.

MAGALHÃES, Antonio Rocha. (Org.) **Desenvolvimento e meio ambiente no semi-árido:** discursos e exposições especiais. Brasília: ICID, 1992.

MATOS, Ruy de Alencar. **Gestão e democracia na empresa.** Brasília: Livre Ltda. 1991.

_____ **Desenvolvimento de recursos humanos e mudança organizacional.** Rio de Janeiro: LTC, 1998.

Livre, 1992.

LUZ, Ricardo. **A gestão do clima organizacional.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

MOREIRA, Roberto José. Cultura, Política e Mundo rural Ina Contemporaneidade. In **Revista Estudos, Sociedade e Agricultura.** Vol 12, nº2, out 2004. MOTA, Fernando Cláudio Prestes. **Organização e poder.** São Paulo: Atlas, 1986.

MOTA, P. Roberto. **Gestão contemporânea:** a ciência e a arte de ser dirigente. São Paulo: Record, 1997.

_____ A proposta de participação na teoria gerencial, in FERREIRA, Ademir et al. **Gestão empresarial:** evolução e tendências da moderna administração de empresas de Taylor aos nossos dias. São Paulo: Pioneira. 1992.

PENOUIL, Marc. **Economie du Developpement.** Paris: DALLOZ, 1997.